

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: ANÁLISE EXISTENCIAL
E GESTALT-TERAPIA

MICHAEL FERNANDO CREPALDE SOUSA

**PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL:
O ADOECIMENTO DO SER**

BELO HORIZONTE
2025

MICHAEL FERNANDO CREPALDE SOUSA

**PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL:
O ADOECIMENTO DO SER**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-terapia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Dra. Maria Madalena Magnabosco

BELO HORIZONTE
2025

150 Sousa, Michael Fenando Crepalde.

S725p Psicopatologia fenomenológico-existencial [recurso eletrônico] : o
2025 adoecimento do ser / Michael Fenando Crepalde Sousa. - 2025.

1 recurso online (30 f.): pdf.

Orientadora: Maria Madalena Magnabosco.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia
Clínica: Análise Existencial e Gestalt-terapia - Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Psicopatologia. 2.Existencialismo. 3.Psicologia clínica. 4.Heidegger,
Martin, 1889-1976. I. Magnabosco, Maria Madalena. II. Universidade
Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL: O ADOECIMENTO DO SER **MICHAEL**
FERNANDO CREPALDE SOUSA

monografia defendida e aprovada, no dia **sete de junho de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Maria Madalena Magnabosco - Orientadora

FAFICH/UFMG

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 30 de junho de 2025.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 30/06/2025, às 11:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4335403** e o código CRC **0DB0DBA7**.

AGRADECIMENTOS

À minha amada madrinha, Sra. Pombagira Cigana, que acolheu meu sonho como seu e cuidou de cada detalhe para que se tornasse realidade.

Ao meu companheiro, Otávio, cujo suporte e apoio foram fundamentais para que eu tivesse condições de concretizar meus objetivos.

À minha prima e irmã, Stephanie, que acolheu empaticamente minhas dúvidas, expectativas e inseguranças durante meu percurso na especialização.

RESUMO

Esta monografia propõe uma reflexão sobre a psicopatologia a partir da perspectiva fenomenológico-existencial, fundamentando-se na analítica existencial de Martin Heidegger. Partindo da crítica ao modelo biomédico e tecnicista predominante na contemporaneidade, que reduz o sofrimento psíquico a disfunções objetificáveis, busca-se compreender o adoecimento como um modo de ser possível do ente humano, inerente à sua condição ontológica de abertura, indeterminação e finitude. A partir da concepção de ser-aí, discute-se a psicopatologia como expressão do estreitamento da liberdade existencial e da tentativa de preservação de familiaridade diante da angústia. Como ilustração teórico-clínica, analisa-se o caso da personagem P., inspirada no romance *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei, destacando-se como seus modos de existir refletem formas patológicas de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesma. Conclui-se que a psicopatologia fenomenológico-existencial oferece uma via sensível e não reducionista para a compreensão do sofrimento humano, valorizando sua singularidade, historicidade e complexidade existencial.

Palavras-chave: Psicopatologia. Fenomenologia existencial. Ser-aí. Heidegger. Sofrimento psíquico.

ABSTRACT

This monograph presents a reflection on psychopathology from a phenomenological-existential perspective, grounded in Martin Heidegger's existential analytic. Starting from a critique of the dominant biomedical and technical model in contemporary society – which reduces psychic suffering to objectifiable dysfunctions – the study seeks to understand illness as a possible mode of being of the human entity, inherent to its ontological condition of openness, indeterminacy, and finitude. Based on the concept of Dasein, psychopathology is discussed as an expression of the narrowing of existential freedom and the attempt to preserve familiarity in the face of existential anxiety. As a theoretical-clinical illustration, the case of the character P., inspired by the novel *O peso do pássaro morto*, by Aline Bei, is analyzed, emphasizing how her modes of existence reflect pathological ways of relating to the world, to others, and to herself. The study concludes that phenomenological-existential psychopathology offers a sensitive and non-reductionist approach to understanding human suffering, valuing its singularity, historicity, and existential complexity.

Keywords: Psychopathology. Existential phenomenology. Dasein. Heidegger. Psychic suffering.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 PSICOPATOLOGIA E CONTEMPORANEIDADE	8
2.1 Psicopatologia do ponto de vista técnico.....	8
2.2 Contemporaneidade como era da técnica	9
2.3 Do transtorno mental ao adoecimento do ser	11
3 PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	14
3.1 Breves considerações sobre ser-aí	14
3.2 Psicopatologia fenomenológico-existencial	16
4 ADOECIMENTO DE UM SER	19
4.1 Caso P.	19
4.2 A biografia e os modos de ser de P.	21
4.3 Discussão	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS	26
ANEXO A – Busca pelo termo “depressão” no Google.....	28

1 INTRODUÇÃO

A compreensão do sofrimento psíquico tem sido, historicamente, atravessada por múltiplas perspectivas. Na contemporaneidade, o modelo biomédico consolidou-se como abordagem dominante, moldando tanto os discursos sociais quanto as práticas clínicas a partir de uma lógica tecnicista, que tende a objetificar a experiência humana. Nesse contexto, transtornos mentais são frequentemente concebidos como síndromes ou disfunções isoláveis, mensuráveis e passíveis de correção, reforçando uma concepção do ser humano como algo dado, determinado e previsível.

Entretanto, tal entendimento esvazia a complexidade da existência e obscurece dimensões fundamentais do ser. A filosofia de Martin Heidegger (1889-1976), especialmente sua analítica existencial, oferece uma via alternativa para abordar a psicopatologia: no lugar de entender o adoecimento como um desvio do funcionamento normativo, propõe-se pensá-lo como um modo de ser possível do ente humano, cuja existência é marcada pela abertura, pela indeterminação e pela tarefa constante de se relacionar com o próprio ser.

Partindo dessa perspectiva, esta monografia tem como objetivo refletir sobre o adoecimento psíquico à luz da fenomenologia existencial, buscando compreender o sofrimento como expressão da condição humana em sua vulnerabilidade, finitude e liberdade. Para tanto, será discutida a crítica à racionalidade técnica contemporânea, explorada a concepção de ser-aí heideggeriana e analisado um caso clínico ficcional com base na obra literária *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei. A escolha dessa narrativa visa ilustrar, de forma concreta, como os modos de ser patológicos podem ser compreendidos fenomenologicamente, não como anomalias a serem corrigidas, mas como formas de preservação de modos de ser frente à angústia e à perda de sentido.

2 PSICOPATOLOGIA E CONTEMPORANEIDADE

Acessíveis a todos que tenham um computador ou *smartphone*, informações sobre o que é sofrimento e adoecimento psicológico são facilmente obtidas em uma rápida pesquisa em sites de busca. Ao pesquisar o termo “depressão” no Google¹, por exemplo, obtém-se um texto gerado por Inteligência Artificial (IA) que define a depressão; descreve sintomas, causas, tratamento e medidas de prevenção. Na mesma pesquisa é apresentado um quadro bem-organizado que esmiuça as informações que aparecem no texto gerado pela IA. São apontados como fontes das informações, entre outros, o site o do Ministério da Saúde, o da Organização Mundial da Saúde e sites de empresas como um laboratório farmacêutico e um grande hospital privado do estado de São Paulo. Estas informações sobre o adoecer psíquico disponíveis para o público geral e leigo expõem uma compreensão do sofrimento psicológico e seu diagnóstico característico da contemporaneidade, bem como alinhamento ao paradigma biomédico e organicista dos manuais de classificação de doenças.

2.1 Psicopatologia do ponto de vista técnico

A partir da metade do século XIX, a psiquiatria passa a dar maior atenção aos comportamentos e às condutas cotidianas das pessoas com o objetivo de identificar desvios para distinção entre normal e patológico. Assim se inicia, segundo Martinhago e Caponi (2019), uma nova abordagem da psiquiatria em relação ao adoecimento mental. Mais de 100 anos após essa virada metodológica, a classificação de doenças mentais avançou até chegar ao mais recente *Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais*, em sua quinta versão, DSM-5, publicado pela American Psychiatric Association (APA).

Cada versão do DSM trouxe alterações e novidades que respondiam às necessidades estatísticas e diagnósticas, demandas da sociedade, pressões de movimentos sociais e ao pensamento científico de suas épocas, mas também às questões de mercado (Pondé, 2018). Desde sua terceira versão, na década de 1980, o manual da APA propõe uma classificação atórica dos transtornos mentais, abandonando a fundamentação psicanalítica das duas versões anteriores. Tal mudança, como mostram Martinhago e Caponi (2019), objetiva a neutralidade científica do manual, no entanto, passa-se a adotar, em detrimento do modelo psicodinâmico da psicanálise, o modelo biomédico sustentado na medicina baseada em evidências. Para a

¹ Pesquisa realizada em 07/02/25 – As telas foram registradas e podem ser consultadas no Anexo A.

discussão sobre o adoecimento do ser é importante a constatação de Pondé (2019) de que o DSM-5 é, hoje, a referência hegemônica na classificação de transtornos mentais, lançando as bases para a compreensão do adoecimento e sofrimento mental na contemporaneidade.

A compreensão dos transtornos mentais no DSM-5 parte da semiologia médica que é o estudo dos sinais e sintomas das doenças. Para Dalgalarondo (2019) o estudo dos sinais e sintomas dos transtornos mentais é a semiologia psicopatológica. No DSM-5 encontra-se a seguinte definição de transtorno mental:

Um transtorno mental é uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. Transtornos mentais estão frequentemente associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes (American Psychiatric Association, 2023, p. 108).

Síndrome, segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, é um “conjunto sintomas observáveis em vários processos patológicos diferentes, sem causa específica” (Síndrome, 2015). Portanto, definir transtorno mental como síndrome é tomar os sinais e sintomas como sinônimo e definição de sofrimento psíquico.

Nessa perspectiva, há a primazia da identificação e ajuste dos desvios comportamentais observáveis e disfunções cognitivas em relação ao ser. Essa concepção revela uma abordagem tecnicista sobre o adoecer, partindo da possibilidade de dominar racionalmente e ter um saber absoluto e categórico sobre os transtornos mentais. A definição de sofrimento psíquico hegemônica na contemporaneidade toma o adoecimento psicológico como algo em si, a exemplo das afecções físicas, não contemplando a dimensão ontológica do sofrimento psíquico como algo que acontece ao ser.

2.2 Contemporaneidade como era da técnica

Os avanços tecnológicos alcançam níveis extraordinários na contemporaneidade e ratificam, cada vez mais, a sujeição da natureza ao domínio do homem. Com relação à saúde mental, um manual tão minucioso sobre os transtornos mentais, como é o DSM-5, exemplifica o quanto o homem se utiliza da técnica moderna como um instrumento e um fazer humano na contemporaneidade. O saber técnico avança a ponto de já existirem movimentos que preveem a superação do DSM-5, conforme aponta Pondé (2019), por uma compreensão de transtornos mentais mais científica, embasada nos avanços e descobertas das neurociências que poderão

permitir a identificação de causas biológicas, o tratamento definitivo e ações preventivas para os transtornos mentais.

A técnica permeia o mundo contemporâneo, portanto compreender a relação do homem com a técnica é uma via para compreensão da contemporaneidade. Heidegger, em sua conferência de 1953 sobre *A questão da técnica*,² busca se aproximar da técnica moderna não pela compreensão instrumental e antropológica, como outros pensadores no mesmo período, apesar de não negar a validade desses aspectos, antepõe a estes a investigação sobre a essência da técnica. De antemão, Heidegger ([1954] / 2007) utiliza o termo *gestell*, ou armação, para definir a essência da técnica, tomando a técnica moderna como modo de desvelamento do mundo, das coisas e dos outros seres humanos ao homem.

A técnica moderna para Heidegger, como mostra Critelli (2016), tem sua raiz na tradição filosófica remontando a Platão e Aristóteles, quando a resolução da questão sobre a verdade do ser, por escolha, passa a ser definida pela substancialidade do ente. Essa escolha influenciará o pensamento ocidental e fundamentará a ideia da relação sujeito e objeto, sendo o homem sujeito e os demais entes objetos possíveis de serem manipulados, inclusive outros homens. Critelli (2002), ao abordar este tema no pensamento heideggeriano, falará da técnica como “o único modo que entendemos ser possível no trato de nossa existência e do que quer que nela se apresente” (p. 85).

A relação com o mundo de forma técnica é marcada pelo cálculo e controle, buscando o domínio total do sujeito sobre os objetos, excluindo qualquer dimensão relacional do homem com o mundo, para Critelli (2016) trata-se de um modo de ser ao qual somos todos convocados. Esse modo de ser técnico, calculado, preciso, perfeito e repetível não permite, como destaca Feijoo (2004), o deixar-acontecer, pelo contrário depende da ação direta do homem que desafia a natureza, antecipa e determina de antemão o que será desvelado. Na mesma linha, Silva e Freitas (2019) ressaltam a relação do desvelar por meio da técnica com a verdade enquanto *veritas*, ou seja, a verdade compreendida como aquilo que pode ser verificado, pressupõe uma antecipação do que se desvelará, limitando os modos de ser do que se desvela apenas ao que é possível ao modo técnico.

Da mesma maneira, o homem compreendido pela técnica está subordinado à possibilidade de ser plenamente compreendido, mensurado, determinado, controlado e antecipado. Em consequência disso, toma-se o homem como algo encerrado, com pouca ou

² A conferência *A questão da técnica* ocorreu em novembro de 1953, em Munique, como parte de um ciclo de conferências sobre as artes na época da técnica. O texto foi publicado pela primeira vez em 1954 no volume III do anuário da Academia Bávara de Belas Artes.

nenhuma abertura de vir a ser. Feijoo (2004) salienta que essa concepção de homem se fundamenta na sentença cartesiana *cogito ergo sum*,³ o homem, enquanto sujeito do *cogito*, é também um objeto que, ainda segundo Feijoo (2004), poderá ser desvelado numa perspectiva técnica como aparelho psíquico, sujeito, personalidade, pessoa; acrescenta-se às possibilidades levantadas por essa autora o comportamento observável, a cognição, o corpo, a bioquímica cerebral, entre outros, a depender de para quem o homem aparece e é desvelado.

Na contemporaneidade tudo é coisa, tudo é produzido, tudo é recurso, tudo está sob o total domínio técnico do homem. Nada escapa à lógica da relação sujeito objeto, e o homem, enquanto sujeito, não tem nenhuma abertura. Dessa forma, não há espaço para uma compreensão do ser, apenas o ente pode ser desvelado pela técnica. Do mesmo modo, o sofrimento e o adoecer mental também são compreendidos parcialmente.

2.3 Do transtorno mental ao adoecimento do ser

Tendo o homem se tornado, assim como todas as outras coisas do mundo, um produto determinado pela técnica, seu adoecer e seu sofrimento mental também serão abordados sob as possibilidades de sentidos desse contexto. Silva e Freitas (2019) dão destaque à ideia de saúde, doença e cura que emerge no contexto tecnicista; o adoecer é concebido como um desvio do padrão, aquilo que escapa ao esperado; a cura passa a ser o completo ajuste dos desvios, contudo, tem-se a expectativa de que, ao conhecer as causas, seja possível evitar os desvios de padrão; para as autoras, “nesse contexto a dor e o sofrimento humano devem ser extirpados a todo custo” (p. 147). A saúde, por sua vez, passa a ser um estado que pode ser produzido.

As reflexões de Heidegger sobre a técnica em sua essência, como via pela qual a verdade se desvela ao homem e pela qual o próprio homem se faz desvelar e conhecer, reverberam e dialogam com as interpretações da contemporaneidade presentes no pensamento de Byung-chul Han. Esse filósofo se dedica, em seus ensaios, a reflexões sobre as mudanças na organização da sociedade nas últimas décadas. Han (2021) argumenta que o homem contemporâneo se tornou o sujeito do desempenho e produtividade, dominado pelo imperativo da positividade e cidadão numa sociedade, como descreve esse autor, paliativa. Han critica em sua obra o modo de ser contemporâneo e expõe a essência da técnica, apresentada por Heidegger, operando no cotidiano.

³ “Penso, logo existo”.

Ao caracterizar o contemporâneo como sociedade paliativa, Han, sobretudo, favorece a reflexão crítica sobre como a noção de homem e a compreensão sobre seu sofrimento e adoecer, como apresentadas até aqui, estão limitadas aos sentidos abarcados pelo tecnicismo. O sujeito é fechado, seu corpo separa a realidade interna da realidade externa, para Han (2021) a dor passa a ser restrita ao corpo e esvaziada de sentido, diante da dor recorre-se aos analgésicos. O esvaziamento de sentido da dor sustenta a concepção de transtornos mentais como síndromes e a limitação do sofrimento e do adoecer como um conjunto de sinais e sintomas passíveis de serem identificados, tratados, eliminados ou evitados.

A dor, na sociedade paliativa, é um indicador de que há algo de errado com o sujeito, algo escapou ao cálculo, à previsibilidade. Assim como um defeito, a dor deve ser corrigida, a cura é a eliminação de sintomas, evidencia-se a primazia da felicidade e saúde plenas, para Han (2021), na sociedade paliativa, toda negatividade da dor está reprimida por um estado de anestesia permanente e essa condição “impede o conhecimento e a reflexão, reprime a verdade” (p. 29). Neste ponto Han não se refere à verdade produzida e provocada pela técnica, *veritas*, ao contrário, suas reflexões apontam para a verdade do ser, ponto que Heidegger ([1954] / 2007) também aborda ao falar sobre outro modo de desvelamento que não o da técnica moderna, mas o da *téchne*.

Em seu ensaio, Heidegger ([1954] / 2007) chama atenção para limitação do desvelar calculado e antecipatório da técnica moderna. Heidegger aponta no sentido mais original de técnica, o conceito grego de *téchne*, um modo de alcançar a verdade mais originária compreendida como *alétheia*, o desvelar daquilo que é mais próprio. Tanto Heidegger quanto Han apontam para uma verdade que permanece oculta na técnica, sendo necessário abandonar a segurança do mundo técnico e permitir o desvelar da *téchne* como um desvelar da verdade que sempre esteve aí, insubordinada à vontade e manipulação do homem.

A forma como os transtornos mentais são concebidos na contemporaneidade deixa oculto o ser do homem, tema que será priorizado por Heidegger em sua analítica existencial. Em Han (2021) temos a dor como uma dimensão da existência humana, portanto necessária para compreensão do homem, a dor, para esse autor, é reveladora de sentido existencial, e a completa anestesia gera uma vida esvaziada de sentido, Han (2021) alerta: “é, justamente, a própria persistente ausência de sentido da vida que dói” (p. 51).

Buscando a verdade sobre o ser, como *alétheia*, reconhece-se o caráter da abertura do homem que, por consequência levará a outras concepções sobre o adoecimento e sofrimento mental, diferentes da concepção técnica moderna. Para Han (2021), a dor, reveladora da precariedade humana, traz consigo a possibilidade de criação de narrativa, distinguindo o ser

do homem dos demais entes, tal distinção é parte fundamental do pensamento heideggeriano, “apenas o ser fornece acesso à ‘essência’, ao ‘segredo’ da dor” (Han, 2021, p. 85). À luz do pensamento heideggeriano, a definição sobre psicopatologia e transtornos mentais requer antes uma compressão do ser do homem para, então, compreender o adoecimento do ser.

3 PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Abordar a psicopatologia sob uma perspectiva não objetificante e tecnicista se torna uma tarefa complexa, uma vez que requer o questionamento e o posicionamento crítico em relação à trama de sentidos históricos e epocais compartilhados que definem o que é o homem e seu adoecimento psíquico na contemporaneidade. No campo filosófico, a analítica da existência de Heidegger oferece novas perspectivas para compreensão do ser humano que vão repercutir em outras disciplinas, como a psicologia e a psiquiatria, possibilitando uma aproximação e compreensão sobre psicopatologia distinta do modelo hegemônico científico natural.

Martin Heidegger, no início do século XX, retomou como tema de investigação filosófica a questão do ser utilizando-se do método fenomenológico de Edmund Husserl (1859-1938). O pensamento de Heidegger se opõe à tradição filosófica do ocidente sobre a questão do ser, conforme destacam Braga e Farinha (2017), Heidegger aponta que na própria questão sobre ‘o que é o ser’ já estão incutidas compreensões prévias sobre o ser que foram perpetuadas e solidificadas ao longo da história do pensamento filosófico ocidental. No sistema filosófico metafísico, ainda conforme destacado por Braga e Farinha (2017), o ser se manifesta no ente, o ser entificado se caracteriza por sua essência fixa e imutável, tem substancialidade.

Ser e tempo, principal obra de Heidegger, publicada em 1927, apresenta o pensamento original desse filósofo. Frente à problemática da questão sobre ‘o que é o ser’, Heidegger indagará sobre o sentido do ser, tomando como ponto de partida para sua investigação o único ente cujo próprio ser, e o ser dos demais entes intramundanos, pode se apresentar como uma questão: o ente humano. O pensamento heideggeriano superará a separação de sujeito e objeto, propondo a compreensão sobre o ser do ente humano como *dasein*, ou ser-aí, explicitando a relação indissociável entre o ser (verbo) e a abertura (aí) na qual o ser realiza seu poder-ser.

3.1 Breves considerações sobre ser-aí

No pensamento heideggeriano, destacam Casanova (2015) e Salanskis (2011), há a distinção categórica entre o ser que nós somos e o ser dos demais entes intramundanos. Dessa maneira, ainda que o termo “ser” seja cotidianamente atribuído igualmente às pessoas e a qualquer outro ente não humano, em Heidegger, “ser” terá sentidos diferentes a depender do ente ao qual nos referimos. O sentido do ser dos entes em geral (coisas, animais etc.) já subsiste

em si, já está ontologicamente definido, os entes em geral são intramundanos, ou seja, estão disponíveis no mundo.

Em contrapartida o sentido do ser do ente humano é sua própria existência, frisam Roehle e Dutra (2014), pois seu próprio ser se apresenta constantemente como uma questão. Ontologicamente o homem se relaciona a cada momento com seu ser, mantendo-se como abertura, fazendo com que sua essência repouse em poder-ser. Holzhey-kunz (2018) destaca na obra heideggeriana a compreensão de que ser se apresenta como uma tarefa incontornável, o que faz do homem o ente ao qual o próprio ser se apresenta como uma tarefa e, no cuidar de sua tarefa de ser, constitui sua existência. Evangelista (2016) dará destaque à expressão heideggeriana de que o ser do homem está sempre em jogo, a cada momento o ser-aí está frente a modos possíveis de existir e frente à possibilidade de não ser.

Ser-aí não deve ser tomado como uma concepção de homem dentre tantas outras, o que representaria retrocesso ao questionamento sobre o que é o ser, perdendo de vista a busca pelo seu sentido. Ao contrário, conforme adverte Casanova (2015), ser-aí é o modo de ser do homem que impossibilita qualquer determinação de sua essência. Indeterminado em si mesmo, o ser-aí lida com sua tarefa de ser num movimento para fora de si, *ek-stático*, portanto, ainda conforme elucidaciones de Casanova (2015), ser-aí *ek-siste*. Existência, nessa perspectiva, refere-se ao modo de ser próprio do ente humano, diferenciando o homem de todos os demais entes.

Acompanhando o pensamento heideggeriano apresentado por Casanova (2015), o movimento da existência para fora possibilita o descerramento do mundo como campo em que se dá a manifestação dos entes, e é a partir da lida cotidiana com os entes que requisitam o ser-aí nesta abertura que este pode se familiarizar, se identificar e se definir. Assim sendo, ser-no-mundo é uma condição do ser-aí. O mundo da existência não se refere ao local ou ao conjunto de entes, mas “a amplitude total do horizonte a partir do qual o ser-aí incessantemente se relaciona com os entes intramundanos, com os outros seres-aí e consigo mesmo” (Casanova, 2015, p. 106). É em sua condição de ser-no-mundo, engendrado na trama de sentidos sedimentados estabelecida pelo mundo, que cada ser-aí encontra suas possibilidades de realizar sua existência.

Ser-aí demanda do mundo para, como aponta Casanova (2013), superar sua indeterminação ontológica. A negatividade de sentido do existir impele que o movimento da existência seja para fora do ente em direção aos mundos compartilhados com outros seres-aí. Nos diversos mundos compartilhados que cada um pode habitar é que se encontram sentidos e possibilidades existenciais, portanto ser-no-mundo é coexistir, compartilhar mundos com os outros. Ao se apropriar dos sentidos do mundo como seus, o ser-aí decai num modo impessoal

de existir, este é o modo cotidiano da existência, familiarizado com o mundo e alheio a sua característica mais própria que é a indeterminação.

Se no cotidiano o ser-aí se encontra num modo impessoal de existir, na experiência da angústia o ser-aí se depara com sua indeterminação. Roehe e Dutra (2014) destacam que a angústia é marcada pela estranheza, perde-se a familiaridade, depara-se com o que é mais próprio da existência que é o não ser, mas ter que se haver a cada momento individualmente com o poder-ser. Para Casanova (2013), a familiaridade generaliza os modos de ser. Por outro lado, as crises de sentido individualizam cada ser-aí que diante de sua indeterminação original pode buscar sentidos outros. E, justamente, porque o ser-aí pode perder a familiaridade com o mundo e, conseqüentemente, ter que lidar com a indeterminação de seu ser, é que Casanova (2013) fala da viabilidade de se pensar uma psicologia sustentada na compreensão de existência aqui apresentada e, assim sendo, também se torna viável pensar em uma psicopatologia fenomenológico-existencial.

3.2 Psicopatologia fenomenológico-existencial

Na história da psicopatologia, conforme elucidações de Cardinalli (2011) e Evangelista (2017), Karl Jaspers, psiquiatra alemão, foi o primeiro a utilizar o método fenomenológico de Husserl para pensar o adoecimento psíquico. *Psicopatologia geral*, a obra mais conhecida de Jaspers publicada originalmente em 1913, permanece na atualidade como uma importante referência e um marco histórico no estudo da psicopatologia fenomenológica. Por sua vez, Binswanger foi o primeiro a buscar referências no pensamento heideggeriano em suas investigações sobre o adoecer psicológico. Na esteira de estudiosos influenciados pelo método fenomenológico e pensamento heideggeriano, Cardinalli (2011) e Evangelista (2017) citam Medard Boss, médico psiquiatra que incorporou profundamente a compreensão de ser-aí desenvolvida por Heidegger em suas investigações sobre psicopatologia.

Partir da analítica existencial de Heidegger é fundamental para uma compreensão fenomenológico-existencial do adoecer psíquico, para Evangelista (2017, p. 169) “a descrição da estrutura da existência como ser-aí-no-mundo-com-os-outros permite uma mudança de paradigma na psicopatologia”. Dessa forma, fenomenológico e existencialmente, para compreender o patológico, é necessário ter como ponto de partida a concepção de existência saudável. O adoecer psíquico deixa de ser concebido como uma desadaptação ao que é convencionalizado como normal num determinado contexto sócio-histórico. Ao contrário, saudável e patológico são compreendidos como modos de ser possíveis ao ser da existência.

O ponto de partida para compreensão dos modos saudáveis e patológicos é a analítica existencial de Heidegger. Em síntese o que foi exposto até aqui: existência é uma condição exclusivamente humana; existir é o acontecer do ser em um nexos de sentidos compartilhados com os outros; os sentidos compartilhados são os mundos habitados por cada homem junto com os outros, fazendo que a existência seja coexistência, ser-aí é ser-no-mundo-com-os-outros. Habitar mundos, ou se familiarizar com estes, permite a cada um se haver com sua tarefa de poder-ser sem, no entanto, perder o caráter de indeterminação próprio do ser-aí. Dessa forma, o ser do ente humano está em causa a cada momento, existir é ter sempre em seu horizonte as próprias possibilidades de ser e a possibilidade de deixar de ser. Fora dos sentidos compartilhados, o ser-aí se depara com a facticidade do mundo, com a negatividade de sentidos, com a própria finitude, experimenta a angústia que é o completo estranhamento ou desabrigo, oposto à familiaridade com o mundo.

Os modos saudáveis ou patológicos de existir se referem diretamente à existência enquanto ser-no-mundo-com-os-outros e ao poder-ser como uma tarefa incontornável ao homem. Sendo assim, saúde tem relação com a liberdade de responder e realizar as próprias possibilidades existenciais, enquanto o adoecer representa a restrição ou encurtamento do poder-ser. Evangelista (2017, p. 173) dirá que a liberdade existencial é a “liberdade para perceber e responder ao que se manifesta na abertura de mundos que somos e permitir o desfazer-se e refazer-se das tramas de sentido nas quais encontramos nosso ser, das coisas e dos outros”.

Compreende-se como existência saudável o manter-se na condição de abertura ao mundo, associada à liberdade existencial para perceber e responder ao que aparece e às possibilidades de poder-ser. O existir de modo patológico está diretamente associado à perda da liberdade existencial, o patológico se caracteriza pelo estreitamento das possibilidades de ser-no-mundo como resposta, destaca Evangelista (2017), à perda da familiaridade, à possibilidade do desabrigo da facticidade do existir. Ainda conforme este mesmo autor, a psicopatologia é uma maneira de preservar os modos de ser com os quais o ser-aí se reconhece. Há uma restrição em relação ao que pode ser percebido e às respostas ao que se apresenta ao ser, há uma desordem do ser em relação aos mundos, em outras palavras, ainda segundo Evangelista (2017), o que fica restrito é o coexistir, tendo em vista que os sentidos nos modos patológicos de existir não são compartilháveis com os outros, o que reflete num certo isolamento daquele que adoecer.

Diante do exposto, a psicopatologia deve ser pensada como “uma possibilidade intrínseca ao existir, não algo que lhe vem de fora” (Evangelista, 2017, p. 175). A indeterminação ontológica do ser do ente humano, para Rodrigues (2023), revela a vulnerabilidade da existência à psicopatologia, para este autor a liberdade é a condição para o adoecer. Complementando a ideia de que o adoecer é inerente à existência, Holzhey-Kunz (2018) destaca que a constatação heideggeriana de que o humano está sempre em relação com seu ser pressupõe uma inclusão pré-ontológica, um saber tácito que todos experimentam sobre a condição humana que inclui a indeterminação e o poder deixar de ser. Holzhey-Kunz (2018) ressalta que no cotidiano este saber tácito é mantido em segundo plano pelos significados compartilhados, no entanto, a experiência ontológica pode emergir ao primeiro plano fazendo com que o ser se depare com a indeterminação e a vulnerabilidade de sua existência.

Em síntese, estar em relação com o próprio ser coloca o ente humano em sua tarefa de ser a cada momento, escapando da negatividade da existência sem, contudo, ser capaz de superar essa negatividade ontológica do existir, o que faz que a existência e os modos de ser deste ente, a cada momento, também estejam em risco, sempre podendo deixar de ser. A psicopatologia é a tentativa de preservar a existência e os modos de ser reconhecidos, ainda que a custo de limitação da liberdade do ser-aí.

4 ADOECIMENTO DE UM SER

Uma vez que a concepção de ser-aí supera a cisão entre homem e mundo, a compreensão do adoecer não repousará na ideia de um adoecimento da interioridade do homem. Feijoo (2010) pontua que a ideia de psiquismo, ou de um adoecimento do eu, não são possíveis tomando como ponto de partida o pensamento heideggeriano. Ao contrário, uma psicopatologia que parte da analítica existencial de Heidegger, como apresentada no capítulo anterior, caracteriza-se como a compreensão de que o que está adoecido é a própria existência e a condição de ser-no-mundo de quem adoece. Portanto, também não é possível lançar mão de manuais diagnósticos para se falar sobre o adoecer, uma vez que a compreensão do adoecimento é a compreensão dos modos de existir que um ente específico apresenta ao longo de sua história, entre o nascer e o morrer: como se relaciona com seu próprio ser; como assume a tarefa de existir como sua; como responde a sua indeterminação; como lida com o que aparece na abertura de mundo que é; como habita os mundos junto com outros e como lida com a angústia primordial do ser-aí.

Em outras palavras, o olhar deve-se voltar para história, ou biografia, para existência do ente que assume modos de ser patológicos, e não para categorias diagnósticas ou entidades nosológicas. Tendo em vista esses pressupostos, com o objetivo de compreender como modos de ser patológicos são possibilidades inerentes à existência, será apresentado um estudo de caso inspirado na personagem principal do livro *O peso do pássaro morto*, de Aline Bei. O livro apresenta cronologicamente a história de vida de P.⁴, partindo de seus oito anos de idade até os 52 anos. No presente trabalho, a sequência cronológica não será utilizada, pois o caso de P. será construído a partir do momento atual de sua história, partindo dos modos de ser que P. apresenta na atualidade como uma mulher de meia idade. Mas a história de vida narrada e descrita na obra não será ignorada, ao contrário, será a fonte para compreensão dos modos de ser de P.

4.1 Caso P.

P., uma mulher de 52 anos, paulistana e solteira, trabalha há muitos anos como secretária. Vive sozinha há mais de uma década, desde que seu filho, Lucas, saiu de casa para cursar a faculdade no interior de Minas Gerais. Há cerca de três anos, mudou-se de um apartamento para uma casa antiga, mas espaçosa, com um quintal no bairro de Perdizes.

⁴ O livro é narrado em primeira pessoa pela personagem principal que não cita seu próprio nome. Portanto, para fins desta apresentação, a personagem será chamada de “P.” em alusão à palavra pássaro do título do livro.

Sua única companhia é Vento, um cachorro idoso de grande porte, que P. resgatou há muitos anos, ainda na época em que seu filho estava na universidade.

P. leva uma vida funcional e monótona: trabalha, vai à feira, cuida da casa e do cachorro, seu lazer é ficar em casa escutando seus discos e bebendo vinho em companhia de Vento. Não mantém vínculos afetivos significativos com outras pessoas, como amigos, colegas de trabalho, familiares, tendo apenas Vento como seu vínculo afetivo mais próximo. P. canta: “[...] nessa rua, nessa rua tem um bosque. Que se chama, que se chama solidão. Dentro dele, dentro dele mora um Vento, que roubou, que roubou meu coração” (Bei, 2020, p. 112).⁵

Apesar da vida solitária do isolamento afetivo de outras pessoas, a solidão deixa de ser um problema para P. desde que compreendeu, considerando sua história de vida, que a relação entre ela e o filho sempre foi difícil e que ela nunca conseguiu desempenhar plenamente o papel de mãe. Hoje, Lucas é adulto, casado e pai, vive em outro país, então P. conclui: “Lucas não precisa mais de mãe nenhuma” (Bei, 2020, p. 124). Sem contato com o filho, nora e neto, os pais mortos, insatisfeita com o trabalho, sem planos para o futuro, P. vive só em sua casa no bairro de Perdizes na companhia dócil e amorosa de seu cachorro. Vivendo dessa maneira, tem uma experiência de segurança e estabilidade, leva uma vida sem ameaças, ainda que se lembre com nostalgia e arrependimento da juventude, dos pais e do filho.

Toda a estabilidade e segurança são perdidas quando a personagem, ao voltar da feira, descobre que Vento saiu pelo portão, que foi esquecido aberto, e havia sido atropelado, estava morto. A imagem do cão morto é experienciada de forma completamente fática, P. diz: “agora Deus e todos os deuses assistem o Vento morrer sem corpo, não teve enterro porque não tinha corpo, só rabo, [...] logo o Vento, daquele tamanho morrer, virando adubo de asfalto” (Bei, 2020, p. 157). P., diante dessa perda, isola-se completamente, não consegue fazer nada além de permanecer em seu sofá, onde se apega ao último resquício de seu único companheiro:

Fiquei sem comer. O telefone eu cortei da tomada, a vitrola nunca mais deu um pio. Deixei de tomar banho, a casa cheirava merda que eu não ia ao banheiro, cagava ali mesmo, ao lado do sofá que virou minha casa inteira e também meu abraço, o cheiro do Vento no couro (Bei, 2020, p. 155-156).

Isolada do mundo em seu sofá, ou fenomenológico-existencialmente encontrando em seu sofá um mundo em que conseguia habitar, P., acordada, lembrava-se da morte do cão e, dormindo, sonhava com o Vento ainda vivo. Dessa forma P. permaneceu até sua morte, que lhe

⁵ Na obra de Aline Bei, a diagramação, ausência de pontuação, letras minúsculas e maiúsculas, espaços vazios etc. fazem parte da narrativa que a autora constrói. As citações diretas desta obra foram adaptadas para seguir a norma culta da língua portuguesa e as normas de padronização de trabalhos acadêmicos com o cuidado de não alterar o sentido dado pela autora.

veio como a possibilidade de continuar no sonho em que Vento não havia morrido, deixando um mundo em que outras possibilidades lhe foram restritas, P. assim narra: “a morte de engasgo foi feia, só a boca trabalhou e um pouco da barriga. Os olhos fechados estavam no sonho do Vento não-morto, o corpo todo estava no sonho, mas uma parte do peito estava no Lucas e no Carlos Eduardo [seu neto]” (Bei, 2020, p. 158).

4.2 A biografia e os modos de ser de P.

Conforme observa-se na formulação do caso, não se pode afirmar que P. sofre de nenhuma doença específica. Porém, frente a um acontecimento significativo, P. perde toda a familiaridade e se vê frente à negatividade de sua existência e à facticidade do mundo. A única resposta que é capaz de dar àquele acontecimento é se isolar ainda mais, se manter junto da memória daquele que era seu único vínculo afetivo e companhia. O isolamento físico e afetivo se caracteriza, no caso de P., como um modo de ser patológico, uma limitação de liberdade existencial. No entanto, ao mesmo tempo em que há o estreitamento de liberdade, o modo de ser de P. naquele momento também é uma tentativa de preservar alguma familiaridade frente a total indeterminação existencial.

O isolamento afetivo e o distanciamento das pessoas são aspectos que permeiam toda a história de vida da personagem. O contato com os outros é frequentemente narrado como fonte de sofrimento, sendo descrito como ocasião para tornar-se alvo de hostilidade, julgamentos e ofensas. P. relata pensamentos negativos que as pessoas têm sobre ela, além de adjetivos depreciativos que lhe são atribuídos ao longo da vida: feia, cheira a mijó, puta, mãe ausente (Bei, 2020). Muito cedo, aos oito anos, P. se depara com a solidão da própria existência, não consegue estar com as pessoas e estas, em sua percepção, também não conseguem estar com ela, a repelem e a hostilizam. P. conta: “A Ana dizia: vamos? E as pessoas iam. Eu quase nunca usava plural fora de casa” (Bei, 2020, p. 29-30).

Anteriormente a esta experiência de solidão, em sua infância, P. narra uma relação completamente oposta as que experimenta durante o decorrer de sua história de vida. P. conta sobre Carla, sua amiga de infância com quem experimentava afeto e segurança. Carla morre aos oito anos de idade. P., no início, não entende exatamente o que é morrer, porém, à medida que entende sobre a morte, sobre a mortalidade de todos, inclusive a própria, P. experimenta a angústia, o desabrigo; vivencia o que Casanova (2015) nomeou como crise de sentido que se evidencia no relato da personagem: “Sempre gostei dela [mãe] fazendo carinho no meu cabelo, mas hoje estava esquisito, no dia que eu descobri o que é morrer” (Bei, 2020, p. 27).

Apesar de, já na infância, perceber-se isolada e se deparar com a questão da morte, P. tem projetos futuros que, inicialmente, dizem de sua tarefa de ser. Sonha ser aeromoça, viajar de avião, conhecer o mundo. Porém, com o tempo, o objetivo de ser aeromoça passa a dizer também de sua restrição de estar com as pessoas, expressa o desejo de ser percebida de outra forma pelos outros ou ficar imune à hostilidade. Assim P. fantasia: “quando eu tiver um emprego, vou trabalhar dentro de deus e nunca mais nenhum idiota do colégio vai mexer comigo. Se tentarem estarei nas nuvens, não vou ouvir” (Bei, 2020, p. 33), estará nas nuvens, estará isolada, imune à presença hostil das pessoas com quem convive em terra, vivenciará relações positivas que em sua fantasia as aeromoças vivem.

P. pouco fala sobre projetos e planos, principalmente após sua gravidez aos 17 anos. Ao contrário, a personagem narra sua vida com certa indiferença e distanciamento. Apesar de insatisfeita com o que lhe ocorreu, com o local que trabalha, com a relação com o filho, não questiona ou aparentemente não se incomoda com as situações, vive como se isso tudo fosse natural, ou sua única possibilidade de ser.

Os vínculos de P. são vividos de forma superficial, apesar de ter contato com os pais, mantém-se distante afetivamente, por exemplo. P. também fala de vínculos situacionais, como com a babá de seu filho e com seu chefe. Essas relações, como são, não são vividas pela personagem com nenhum estranhamento ou incômodo. Entretanto, a relação com seu filho, Lucas, apresenta-se como uma fonte de sofrimento para P. Sua gravidez aconteceu após um episódio de violência sexual sofrida pela personagem. Esse momento é descrito como a situação mais degradante e ameaçadora que já viveu junto a alguém. A relação com seu filho o tempo todo é atravessada por essa história que P. não conseguiu contar a ninguém, ainda que as possibilidades de contar tenham existido de alguma maneira. P. assim descreve sua relação com Lucas, seu filho:

[...] tenho rancor e te olhar é a coisa mais difícil, porque você, Lucas, é a cara do Pedro [pai de Lucas] tem o olho do Pedro, a boca, o cabelo, o jeito de andar e te ver acordando, te ver passando por mim na cozinha é reviver aquele maldito dia em segredo, diariamente, com o fruto dentro da minha casa sem saber (Bei, 2020, p. 101).

P. a todo momento deve ser compreendida como ser-aí, continua sendo-no-mundo, continua compartilhando nexos de sentidos históricos, ou seja, continua coexistindo. No entanto, sua condição de estar junto-com-os-outros se apresenta restrita. P. se isola frente à ameaça do contato com o outro, frente à possibilidade de sua própria vida estar em risco, de perder completamente a familiaridade com a própria existência. Sua possibilidade de conviver e compartilhar está restrita ao seu cão. P. diz: “Já com o cão eu fiz um longo contato visual.

Nada em mim parecia o assustar, nem nele”. Esse é o modo de ser que P. tem sido ao longo de sua vida: só, longe dos outros, fechada para vínculos. Um modo de existir que lhe permite cuidar de sua tarefa de ser e estar-no-mundo, mas que é um modo patológico considerando toda a restrição de liberdade existencial que limita suas possibilidades de resposta ao que lhe ocorre na abertura de mundo que é enquanto ser-aí.

4.3 Discussão

O caso P. é um recorte, uma situação clínica retratando um momento extremo na vida da personagem, que aqui foi compreendido numa perspectiva fenomenológico-existencial dos modos de ser psicopatológicos. Destaca-se como os modos de existir de P. estão enredados à sua história de vida, às possibilidades de ser que dispunha ou que lhe foram restritas. Ao longo de toda a história criada por Aline Bei, P. está lidando a cada momento com sua tarefa de ser, no entanto, suas possibilidades vão cada vez mais se estreitando e, conseqüentemente, aumentando o peso de seu existir cada vez com menos liberdade até que, frente ao desabrigo que é a angústia, P. se abandona, não consegue refazer-se de sentidos que lhe permitiriam escapar da indeterminação de seu ser.

É indiscutível que a vida de P. é permeada por muito sofrimento e, particularmente, no trecho selecionado para construção do caso, o sofrimento se destacará pela grande dificuldade de P. buscar sozinha sentidos que lhe permitissem lidar com a situação em que se apresentava. P. precisava de ajuda para lidar com seu sofrimento, já não dava conta de se reorganizar sozinha novamente. Dentro de um referencial fenomenológico-existencial, a compreensão é que P. necessitaria alargar sua liberdade existencial, experimentar outras possibilidades existenciais como suas, reconstruir sentidos que lhe permitisse restabelecer sua coexistência.

Considerando, num processo imaginativo, se P., que não tem formação médica ou psicológica, pesquisasse no Google sobre a forma que se encontrava após a morte de seu cão, por exemplo: ‘é normal não querer se levantar do sofá?’, ou ‘é normal não ter ânimo para viver?’, é possível que os resultados das pesquisas a levassem ao termo depressão e às detalhadas informações sobre sintomatologia, causas e tratamentos. Ou, se acaso conseguisse acesso a atendimento médico, também é provável que fosse diagnosticada com algum transtorno depressivo. Segundo o DSM-5, os transtornos depressivos são caracterizados pela “presença de humor triste, vazio ou irritável, acompanhado de alterações somáticas e cognitivas que afetam significativamente a capacidade de funcionamento do indivíduo” (American Psychiatric Association, 2023, p. 155).

Lembrando que, no mundo contemporâneo, a psicologia e a medicina acumulam vastos conhecimentos técnicos sobre o adoecer psíquico. Nesses conhecimentos sustentam-se os processos de diagnóstico, classificação de doenças e condutas clínicas e terapêuticas eficazes para cada adoecer que permitem dizer que P., sofre de algum transtorno depressivo e, partindo desse diagnóstico, tratar a patologia, para que P. se reajuste e reestabeleça suas capacidades de funcionamento. Dentro deste paradigma técnico, há grande probabilidade que, de fato, o tratamento farmacológico clínico gerasse em P. uma redução ou a completa remissão dos sintomas apresentados, o que, obviamente, seria positivo para alguém que se encontra num sofrimento tão extremo.

A crítica apresentada neste trabalho não é em relação à comprovada eficácia do modelo psicopatológico hegemônico, mas sim à limitação desse modelo no que se refere à compreensão do sentido do ser e do adoecimento psíquico para além de sinais e sintomas. Se no modelo hegemônico o que interessa compreender é a entidade nosológica que é descrita, por exemplo, num caso clínico, para a fenomenologia-existencial interessará os sentidos dos modos de ser assumidos por alguém a cada momento ao longo de sua existência. Porém, este contraste de abordagens não precisa ser necessariamente uma oposição inconciliável, voltando à possibilidade de P. fazer uma pesquisa no Google ou buscar atendimento médico, P. receberia auxílio para atenuação da sintomatologia, mas também, tendo em vista a existência, P. voltaria a compartilhar sentidos e a coexistir; o que antes era angústia e desabrigo, agora pode ser nomeado e compartilhado com outro. Interessará à fenomenologia-existencial quais outros modos de ser serão possíveis a P. a partir do controle dos sintomas depressivos ou quanto P. retoma sua liberdade existencial na lida com seu próprio ser.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou compreender o adoecimento psíquico para além da perspectiva tecnicista e objetificante predominante na contemporaneidade, propondo uma leitura fundamentada na analítica existencial de Martin Heidegger. A partir da crítica ao modelo biomédico e à lógica da técnica que domina a compreensão atual dos transtornos mentais, buscou-se evidenciar que o sofrimento psíquico não pode ser reduzido a um conjunto de sinais e sintomas, mas deve ser compreendido como expressão singular da existência de um ser em sua abertura, indeterminação e vulnerabilidade.

Com base na filosofia de Heidegger e das contribuições de diversos autores que abordam o tema na perspectiva fenomenológica-existencial, compreendeu-se que o sofrimento psíquico tem por característica o estreitamento ou limitação da liberdade existencial. É uma possibilidade intrínseca da existência humana, atravessada pela finitude, pela angústia e pela precariedade. O estudo do caso da personagem P., inspirado na obra de Aline Bei, evidenciou como os modos de ser patológicos, apesar de representarem uma limitação, podem emergir como formas de preservar algum grau de familiaridade frente à perda de sentido e à experiência de desabrigo que é a angústia.

O percurso traçado permitiu reconhecer que o adoecer não se restringe ao indivíduo isolado, tampouco pode ser plenamente apreendido por classificações diagnósticas. No caso clínico apresentado, foi possível explorar o contraste entre duas abordagens do adoecimento psíquico, a primeira como uma entidade nosológica fechada em si e suficiente para definir o adoecer humano, a segunda como modo de ser patológico que limita as possibilidades existenciais. Consequentemente, também serão distintas as concepções de cura e saúde entre essas duas abordagens.

A partir deste trabalho surgem questões sobre coexistência dessas duas abordagens, tendo em vista que no mundo contemporâneo ambas podem ser assumidas por quem pesquisa e atua no âmbito da saúde mental. Desse modo, ter um direcionamento fenomenológico-existencial para compreensão da psicopatologia não o exclui o nexos de sentidos compartilhados que definem as psicopatologias como conjuntos de sinais e sintomas. Por fim, vale destacar que, na discussão do caso P., foi feito um primeiro esforço para pensar em algum diálogo entre duas perspectivas, mas, devido ao escopo deste trabalho, não pode ser tratado com o aprofundamento necessário.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5-TR. 5. ed. texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BEI, Aline. **O peso do pássaro morto**. São Paulo: Nós, Edith, 2017.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; FARINHA, Marciana Gonçalves. Heidegger: em busca de sentido para a existência humana. **Abordagem gestáltica**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 65-73, abr. 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357750480008>>. Acessos em: 20 abr. 2025.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. A saúde e a doença mental segundo a fenomenologia existencial. **Revista Daseinsanalyse**, São Paulo: ABD, n. 15, p. 98-114, out. 2011.

CASANOVA, Marco Antonio. **Compreender Heidegger**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

CASANOVA, Marco Antonio. Heidegger e o escuro do existir: esboços para uma interpretação dos transtornos existenciais. In: EVANGELISTA, Paulo Eduardo R. A. (Org). **Psicologia fenomenológico-existencial**: possibilidades da atitude clínica fenomenológica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013. p. 25-43.

CRITELLI, Dulce. A técnica no pensamento de Martin Heidegger. **Poliética**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 25-35, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/polietica.v4i2.31420>>. Acesso em: 8 fev. 2025.

CRITELLI, Dulce. Martin Heidegger e a essência da técnica. **Margem**, São Paulo, n. 16, p. 83-89, dez. 2002. Disponível em: <<https://www4.pucsp.br/margem/m16dc.htm>>. Acesso em: 8 fev. 2025.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. **Psicologia fenomenológica existencial**: a prática à luz de Heidegger. Curitiba: Juruá, 2016.

EVANGELISTA, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. Para uma interpretação daseinsanalítica da psicopatologia. **Revista Daseinsanalyse**. São Paulo: ABD, n. 17, p. 167-187, jul. 2017.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. **A escuta e a fala em psicoterapia**: uma proposta fenomenológico-existencial. 2. ed. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A psicologia clínica: técnica e técnica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 87-93, jan. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100011>>. Acesso em: 8 fev. 2025.

HAN, Byung-chul. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Petrópolis: Vozes, 2021.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, jul. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>>. Acesso em: 8 fev. 2025. Texto originalmente publicado em 1954.

HOLZHEY-KUNZ, Alice. **Daseinsanálise**: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e seu tratamento. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

MARTINHAGO, Fernanda; CAPONI, Sandra. Breve história das classificações em psiquiatria. **Revista Internacional Interdisciplinar**, Florianópolis, v. 16, n.1, p. 74-91, jan.-abr. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5007/1807-1384.2019v16n1p73>>. Acesso em: 8 fev. 2025.

PONDÉ, Milena Pereira. A crise do diagnóstico em psiquiatria e os manuais diagnósticos. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 145-166, mar. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n1p145.10>>. Acesso em: 8 fev. 2025.

RODRIGUES, Fernando. Psicopatologia da liberdade e transtornos do poder-ser: sofrimento existencial e enfermidade mental na fenomenologia hermenêutica e na psiquiatria fenomenológica. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 340-364, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/ek.2022.70450>>. Acesso em: 20 abr. 2025.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. *Dasein*, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Av. Psicol. Latino.**, Bogotá, v. 32, n. 1, p. 105-113, abr. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07>>. Acesso em: 5 abr. de 2025.

SALANSKIS, Jean-Michel. **Heidegger**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

SILVA, Nayane Aparecida da Costa Silva; FREITAS, Joanneliese de Lucas. “A questão da técnica” em Heidegger: considerações sobre a clínica psicológica. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 11, n. 1, p. 137-156, abr. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01ensaio46>>. Acesso em: 14 fev. 2025.

SÍNDROME. *In*: INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA (Org.). **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015. p. 870.

ANEXO A – Busca pelo termo “depressão” no Google

Visão geral Sintomas Tratamentos Espec

Depressão

Todas Imagens Vídeos Notícias Shoppi

Depressão

Outros nomes: Transtorno depressivo maior



Distúrbio mental caracterizado por depressão persistente ou perda de interesse em atividades, prejudicando significativamente o dia a dia.

As causas possíveis incluem uma combinação de origens biológicas, psicológicas e sociais de angústia. Cada vez mais, as pesquisas sugerem que esses fatores podem causar mudanças na função cerebral, incluindo alteração na atividade de determinados circuitos neuronais no cérebro.

A sensação persistente de tristeza ou perda de interesse que caracteriza a depressão pode levar a uma variedade de sintomas físicos e comportamentais. Estes podem incluir alterações no sono, apetite, nível de energia, concentração, comportamento diário ou autoestima. A depressão também pode ser associada a pensamentos suicidas.

A base do tratamento geralmente inclui medicamentos, psicoterapia ou uma combinação dos dois. Cada vez mais, as pesquisas sugerem que esses tratamentos podem normalizar alterações cerebrais associadas à depressão.

De Hospital Israelita A. Einstein e outros • [Saiba mais](#)

Sintomas

Requer um diagnóstico médico

A sensação persistente de tristeza ou perda de interesse que caracteriza a depressão pode levar a uma variedade de sintomas físicos e comportamentais. Estes podem incluir alterações no sono, apetite, nível de energia, concentração, comportamento diário ou autoestima. A depressão também pode ser associada a pensamentos suicidas.

As pessoas podem ter

No humor: ansiedade, apatia, culpa, descontentamento geral, desesperança, mudanças de humor, perda de interesse, perda de interesse ou prazer nas atividades, solidão, tristeza, tédio ou sofrimento emocional

No comportamento: agitação, automutilação, choro excessivo, irritabilidade ou isolamento social

No sono: despertar precoce, excesso de sonolência, insônia ou sono agitado

No corpo: fadiga, fome excessiva ou inquietação

Na cognição: falta de concentração, lentidão durante atividades ou pensamentos suicidas

Sintomas psicológicos: depressão ou repetição insistente de pensamentos

No peso: ganho de peso ou perda de peso

Também é comum: abuso de substâncias ou falta de apetite

De Hospital Israelita A. Einstein e outros • [Saiba mais](#)

Mais informações sobre sintomas >

Tratamentos

O tratamento consiste no uso de antidepressivos

A base do tratamento geralmente inclui medicamentos, psicoterapia ou uma combinação dos dois. Cada vez mais, as pesquisas sugerem que esses tratamentos podem normalizar alterações cerebrais associadas à depressão.

Tratamentos

Psicoeducação, Fototerapia, Terapia familiar, Terapia...

Medicamentos

Inibidor seletivo de recaptação de serotonina,...

Inibidor seletivo de recaptação de serotonina

Alivia sintomas de depressão e ansiedade.

Antidepressivo

Tomar medicamentos desenvolvidos para ajudar a aliviar os sintomas da depressão. Alguns antidepressivos também têm outros usos, como o tratamento de dor crônica e de alguns transtornos de ansiedade.

Procedimento médico

Terapia eletroconvulsiva

De Hospital Israelita A. Einstein e outros • [Saiba mais](#)

Mais sobre os tratamentos >

Apenas para fins informativos. Consulte um médico de confiança para receber aconselhamento apropriado.